

RELEVÂNCIA DA METODOLOGIA HISTÓRIA DE VIDA PARA AS PESQUISAS DA ÁREA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL EM UMA PERSPECTIVA INCLUSIVA

Michell Pedruzzi Mendes Araújo

michellpedruzzi@ufg.br

<http://lattes.cnpq.br/6141634183456644>

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de compreender a relevância da metodologia história de vida para o desenvolvimento de pesquisas da área da educação especial em uma perspectiva inclusiva, por intermédio da análise da dissertação de mestrado "Para além do biológico, o sujeito com a síndrome de Klinefelter" e da tese de doutorado "Assim como as borboletas: Bianca e a síndrome de Turner" desenvolvida pelo autor desse trabalho. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica com embasamento teórico em Bakhtin (2002; 2003). Como resultados, destaca-se que a história de vida permite ouvir a voz das pessoas que constituem o público-alvo da educação especial e potencializar a compreensão de indícios, resquícios e sinais que podem desvelar aspectos concernentes à exclusão, processos de vulnerabilidade e estigmatização a que essas pessoas estiveram/estão submetidas e vislumbrar caminhos possíveis para processos de inclusão mais consistentes, ou seja, pautados nas especificidades dos indivíduos.

Palavras-chave: História de vida; educação especial; educação inclusiva; metodologia da pesquisa científica

INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva compreender a relevância da metodologia história de vida para as pesquisas desenvolvidas na área da educação especial e da educação inclusiva, a partir da análise de uma dissertação de mestrado e uma tese de doutoramento¹, ambas desenvolvidas no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo.

A metodologia história de vida permite a penetração nas entranhas e nas entrelinhas das vozes dos sujeitos, captar sentimentos implícitos e sensações escondidas

1 "Para além do biológico, o sujeito com a síndrome de Klinefelter" (ARAÚJO, 2014) - dissertação de mestrado- e "Assim como as borboletas: Bianca e a Síndrome de Turner" (ARAÚJO, 2020)- tese de doutorado são estudos desenvolvidos por mim, autor desse trabalho.

que se tornam visíveis e ganham destaque no processo de narrar, tanto para o pesquisador quanto para o próprio entrevistado (DRAGO; SANTOS, 2013).

Como no processo de produção de dados das pesquisas das ciências humanas deve-se entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele (BAKHTIN, 2003), entendo que a história de vida emerge como uma metodologia promissora para as pesquisas da área da educação inclusiva.

Para Bertaux (1981), as histórias de vida, por mais particulares que sejam, são sempre relatos de práticas sociais: das formas com que o indivíduo se insere e atua no mundo e no grupo do qual faz parte. Michel (2009, p. 55), por sua vez, relata que “na história de vida são analisadas reações espontâneas, experiências particulares, visões pessoais que traduzam valores, padrões culturais e exemplos de épocas que auxiliem na análise do objeto de interesse”.

Objetivando alcançar os objetivos delineados para essa pesquisa, foi desenvolvida uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo bibliográfica. Essa metodologia foi desenvolvida “[...] com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44) e apresenta como principal vantagem “[...] permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2002, p. 45). Nesse sentido, coloca-se o pesquisador em contato com pesquisas desenvolvidas a respeito da temática que será estudada.

Para compor o *corpus* dessa pesquisa, foram utilizados dois estudos desenvolvidos por mim, quais sejam: "Para além do biológico, o sujeito com a síndrome de Klinefelter" (ARAÚJO, 2014) - dissertação de mestrado- e "Assim como as borboletas: Bianca e a Síndrome de Turner" (ARAÚJO, 2020)- tese de doutorado.

Teoricamente, essa pesquisa está alicerçada nos pressupostos de Bakhtin (2002; 2003) e de outros autores que subsidiaram também a execução dos estudos

supracitados. A escolha desses teóricos se deu, pois compreendem o homem como um ser que, para além do biológico, aprende, apreende, se desenvolve e se constitui subjetivamente a partir das relações alteritárias e dialógicas tecidas na coletividade.

POTENCIALIDADES DAS HISTÓRIAS DE VIDA PARA AS PESQUISAS DA ÁREA DA EDUCAÇÃO

O professor Valdemir Miotello, importante pesquisador acerca dos estudos bakhtinianos no Brasil, nos forneceu pistas, em uma entrevista concedida a nós (ARAÚJO, DIAS, 2019) de como desenvolver narrativas de vida em uma perspectiva bakhtiniana:

quando vamos a campo para pesquisar, para se colocar na escuta, nesse caso, escutar é fundamental. Nós vamos numa perspectiva de quem narra, de quem conta, de quem fala da própria vida, de quem relata a experiência, o experimento aquilo que ele sente. Não temos lá uma verdade objetiva, objetivada para ir buscar. Nós temos um pedaço da vida para compreender, para captar, para entrar em contato para tencionar. Portanto, a pesquisa narrativa é fundamental, porque ela mantém essa perspectiva da pesquisa, da busca, da escuta e a narrativa. Não é alguma coisa que vou buscar com perguntas pré-prontas, pré-preparadas. Não! Eu vou lá, na hora com a pessoa, vou escutá-la, vou ouvir as narrativas dela, vou ouvir o que ela tem para me contar. O outro fala, eu escuto. Isso é fundamental. Uma terceira questão que se levanta nessa questão da metodologia é a possibilidade de eu prestar atenção naquilo que é o valor, a valoração, o ideológico, onde o outro está colocando o acento de valor naquele evento, naquele acontecimento, naquele pedaço de mundo (ARAÚJO, DIAS; 2019, p. 225).

Nesse contexto, inspirados em Drago e Santos (2013, p. 91), destacamos que

temos em mente que a nossa interpretação das histórias de vida dos sujeitos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação é apenas uma dentro da vasta rede de outras conclusões, indagações e interpretações possíveis à proposição de novas/outras maneiras de se propor ações educativas que garantam o acesso dessas pessoas aos bens culturais produzidos pela humanidade, a partir daquilo que viveram, ou seja, pensando para as gerações futuras modos de ressignificar a ação educativa, no sentido de se reverem os conceitos já experienciados por outros sujeitos.

Sabe-se que o método denominado história de vida foi negligenciado durante décadas pela academia, no entanto, como ressaltam Silva *et al.* (2007, p. 34),

o método de História de Vida é um método científico com toda força, validade e credibilidade de qualquer outro método, sobretudo porque revela que por mais individual que seja uma história, ela é sempre, ainda, coletiva [...].

Nesse processo de ouvir as histórias de vida, consideramos os sujeitos como dialógicos, ou seja, que, numa perspectiva bakhtiniana, respondem ao presente projetando o futuro a partir de suas experiências do passado. A partir da nossa compreensão acerca da teoria bakhtiniana, entendemos que é justamente essa relação com o futuro, a memória de futuro, que define ações do presente (GIOVANI, 2013).

Spíndola e Santos (2003, p. 125), por sua vez, relatam que na história de vida

é a voz do sujeito que queremos (e precisamos) ouvir! É a história deles que vamos relatar, não a nossa. Nossas impressões aparecerão, sim, no momento da análise. Na ocasião das entrevistas, é a voz dos entrevistados que precisa ser ouvida. De certa maneira, a entrevista com pergunta aberta, utilizada no método da História de Vida, mostrou-nos que a entrevistadora não escutava as pessoas, ou melhor, não sabia ouvi-las sem interferir, sem emitir a própria opinião a respeito. Nem sempre as pessoas querem ouvir alguma opinião, às vezes, só querem falar e que alguém as escute. Esse é um cuidado que merece a atenção do pesquisador, quando elege a História de Vida como metodologia a ser utilizada no estudo.

A fala anterior, de Spíndola e Santos (2003), acerca da metodologia história de vida vai ao encontro das considerações de Cipriani, Pozzi e Corradi (1983). Para eles, por meio das narrativas de sua vida, o indivíduo se preenche de si mesmo, se obrigando a organizar de modo coerente as lembranças desorganizadas e suas percepções imediatas: esta reflexão do si faz emergir em sua narração todos os microeventos que pontuam a vida cotidiana, do mesmo modo que as durações, provavelmente comuns aos grupos sociais, mas que, dentro da experiência individual, contribuem para a construção social da realidade.

Chizzotti (2006) enfatiza que a história de vida é uma metodologia de pesquisa que privilegia a coleta de informações contidas na vida pessoal de um ou vários

informantes. Nesse contexto, o processo de contar sua história de vida pode levar o indivíduo a compreender o próprio eu. De acordo com Thomson (1997, p. 57), “ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos ser no presente e o que gostaríamos de ser [no futuro]”.

Corroborando com o que já foi exposto, Gaulejac (2005) nos conta que o objetivo do método da história de vida é ter acesso a uma realidade que ultrapassa o narrador. Isto é, por meio da história de vida contada da maneira que é própria do sujeito, tentamos compreender o universo do qual ele faz parte. Isto nos mostra a faceta do mundo subjetivo em relação permanente e simultânea com os fatos sociais (BARROS; SILVA, 2002).

O objetivo fundamental da história de vida foi sempre o de penetrar, pelo interior, uma realidade que ultrapassa o narrador e a modela. Pelo fato dessa técnica se colocar no ponto de interseção das relações entre o que é exterior ao indivíduo e o que ele traz no seu íntimo (o social e o individual) busca-se, através dela, apreender o socialmente vivido, o sujeito em suas práticas, tentando perceber de que maneira ele aborda as condições sociais que lhe são particulares (FERNANDES, 2010, p. 29).

Posto isso, é importante dizer que, por meio da história de vida, é possível adentrar na vida do sujeito pesquisado, estabelecendo relações entre o social e o individual e buscando as miudezas, os pormenores que nos deram uma visão mais completa, e mais global do processo.

Inspirados em Drago e Santos (2013), compreendemos que a utilização da metodologia história de vida justifica-se pela escassez de pesquisas que resgatem a fala desses indivíduos a partir de suas próprias vivências e pelo fato de que essas pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e/ou altas habilidades/superdotação possuem uma história de vida marcada por uma série de eventos/experiências sociais, históricos e culturais de inclusão e de exclusão, que foram/são negligenciadas e podem nos dar pistas interessantes de como pensar novas/outras possibilidades de ações políticas e educacionais.

Nesse contexto, é importante destacar que

[...] o método de História de Vida, aplicado em pesquisas sobre a Educação Especial e/ou Educação Inclusiva, ou em outras áreas das chamadas Ciências Sociais e Humanas Aplicadas, traz ainda uma vantagem adicional, pois permite uma visão descritiva global da situação ou grupo estudado. Não só das necessidades e anseios dessa população, mas, sobretudo da forma como os serviços e profissionais a eles destinados estão sendo (ou não) efetivados. Esse tipo de estudo, portanto, além de trazer uma descrição da situação, embute em si mesmo um impacto propositivo, já o sujeito ao relatar suas experiências de vida, também aponta para suas necessidades e estratégias de adaptação e superação das restrições impostas por sua condição estigmatizada (GLAT; PLETSCHE, 2009, p. 50).

Em minha dissertação de mestrado, relatei a história de vida de um jovem com a síndrome de Klinefelter. Nesse contexto, a metodologia história de vida utilizada permitiu, a partir da perspectiva sócio-histórica, a compreensão de um sujeito para além do biológico, mas social e histórico. As pistas, indícios, resquícios e enunciados presentes nas falas do sujeito com síndrome e de seus pares entrevistados permitiram compreender uma realidade social e cultural específica e o entendimento dos processos de inclusão, exclusão, vulnerabilidade, estigmatização e dos processos de subjetivação. das pessoas com transtornos globais no município de Domingos Martins, região serrana do Espírito Santo (ARAÚJO, 2014). Portanto, nesse estudo, verifiquei as potencialidades dessa metodologia. O que foi destacado por mim neste estudo é corroborado pelo estudo de Glat e Pletsch (2009, p. 37):

[...] é através da análise das práticas diárias dos indivíduos que se pode chegar a uma compreensão da dinâmica da personalidade de uma pessoa ou das características e atitudes de um grupo social. E, indo mais além, é a partir dessa perspectiva que se pode entender melhor os fenômenos sociais ou históricos globais.

Ao utilizarmos a metodologia história de vida imersa em uma perspectiva histórico-cultural, devemos ter em mente que

o homem é, por essência, um ser social. Sua identidade pessoal é determinada pelo espaço que ele ocupa nos diferentes grupos sociais nos quais transita e pertence. Entre esses destacam-se a família — grupo social primário que o inicia no processo de socialização, e a escola — que completa o processo. Pode-se dizer, portanto, que a visão que um homem tem de si — sua autopercepção — é constituída na relação que ele estabelece com os demais e pela forma como é

percebido pelos outros. Em outras palavras, sua identidade pessoal é referendada por sua identidade social (GLAT; PLETSCH, 2009).

Em minha tese de doutoramento intitulada "*Assim como as borboletas: Bianca e a Síndrome de Turner*" (ARAÚJO, 2020), a metodologia história de vida permitiu o alcance dos objetivos delineados. O sujeito de pesquisa, uma jovem de 19 anos que possui a síndrome de Turner, era muito comunicativa e estava inserida no ensino superior. Para que os objetivos delineados nesse estudo fossem alcançados, ao entrevistarmos a jovem Bianca, utilizamos como instrumentos de produção de dados as entrevistas biográficas.

Sobre esse procedimento para produção de dados, Kramer e Jobim e Souza (2008, p. 28) destacam:

a entrevista biográfica se constitui a partir de uma relação dialógica entre dois ou mais locutores que compreende tensões, expectativas, sanções, proibições, conflitos, hierarquias de poder, confronto de normas e valores implícitos ou explícitos.

A escolha por esse tipo de entrevista deve se dar para permitir maior liberdade ao sujeito do estudo para expressar as suas ideias. Um roteiro estruturado poderia inibir a memória e o fluir de ideias do entrevistado.

Utilizamos nas entrevistas biográficas, realizadas com Bianca, apenas perguntas orientadoras e disparadoras para a entrevistada não ser influenciada pela própria pergunta. Nesse sentido, fizemos adaptações das perguntas ao estilo individual de Bianca, levando em conta as suas peculiaridades/subjetividades.

O supracitado é corroborado por estudos de Glat e Pletsch (2009), quando enfatizam que

a característica mais importante desta abordagem, portanto, é que a entrevista não é determinada a priori pelo pesquisador por meio de perguntas padronizadas e/ou previamente formuladas, mas sim pelos informantes (pesquisados): pela maneira como eles selecionam, interpretam, valorizam e transmitem suas experiências de vida (p. 143).

Esse tipo de entrevista permite uma quebra da clausura acadêmica e transforma um simples suporte documental, em uma pesquisa social e histórica, propiciando desvelar

a riqueza inesgotável do depoimento, como fonte não apenas informativa, mas, sobretudo, como instrumento de compreensão mais ampla e globalizante do significado da ação humana, de suas relações com a sociedade organizada, com as redes de sociabilidade, com o poder e o contrapoder existentes, e com os processos macroculturais que constituem o ambiente dentro do qual se movem os atores e os personagens deste drama ininterrupto – sempre mal-decifrado – que é a História Humana (ALBERTINI, 1990 *apud* CASSAB; RUSCHEINSKY, 2004).

Nesse sentido, concordamos com Bakhtin (2002) quando destaca que é na dimensão extraverbal que estão contidos os elementos ideológicos da fala e os julgamentos de valor, que são, além de emoções individuais, atos sociais regulares e essenciais. Assim, compreendemos que o discurso verbal é insuficiente para exprimir tudo aquilo que na verdade estamos querendo ou deixamos escapar ao nos comunicarmos com o nosso interlocutor (BAKHTIN, 2002).

Sintetizando os resultados, ressaltamos que, nos estudos analisados, os sujeitos de pesquisa possuíam duas síndromes raras e o procedimento para produção de dados foi a entrevista biográfica- um tipo de entrevista semiestruturada. A escolha por esse tipo de entrevista se deu para permitir maior liberdade ao sujeito do estudo para expressar as suas ideias. Um roteiro estruturado poderia inibir a memória e o fluir de ideias do entrevistado. Por meio do processo de (re)visitar esses estudos, destaco que, a partir da metodologia história de vida, é possível adentrar na vida do sujeito público-alvo da educação que está sendo pesquisado, estabelecendo relações entre o social e o individual, e buscando as miudezas, os pormenores que nos permitem ter uma visão holística dos processos vivenciados. Ademais, as pistas, indícios, resquícios e enunciados presentes nas falas do sujeito com síndrome e de seus pares entrevistados permitiram compreender uma realidade social e cultural específica e o entendimento dos processos de inclusão, exclusão, vulnerabilidade, estigmatização e de constituição subjetiva.

ALGUMAS TECITURAS

Por meio da pesquisa bibliográfica empreendida e da minha vivência como pesquisador da área, destaco que a história de vida é uma metodologia com grande potencialidades para as pesquisas da área da educação especial em uma perspectiva inclusiva, uma vez que permite ouvir a voz das pessoas que constituem o público-alvo da educação especial e potencializar a compreensão de indícios, resquícios e sinais que podem desvelar aspectos concernentes à exclusão, processos de vulnerabilidade e estigmatização a que essas pessoas estiveram submetidas e vislumbrar caminhos possíveis para processos de inclusão mais consistentes, ou seja, pautados nas especificidades dos indivíduos.

Parece ser fundamental dizer também que, a partir do desenvolvimento da metodologia história de vida valoriza-se a fala dos sujeitos que possuem deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e/ou altas habilidades/superdotação, por intermédio dos seus próprios enunciados, relações alteritárias e dialógicas. Ademais, essas pessoas possuem uma história de vida marcada por uma série de experiências sociais, históricas e culturais de inclusão e de exclusão, que foram/são negligenciados e podem nos dar pistas fundamentais de como se pensar novas/outras possibilidades de ações políticas e educacionais.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M. P. M. **Assim como as borboletas**: Bianca e a síndrome de Turner. 2020. 167 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.
- ARAÚJO, M. P. M. **Para além do biológico, o sujeito com a Síndrome de Klinefelter**. 2014. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.
- ARAÚJO, M. P. M.; DIAS, I. R. Entrevista com o professor Valdemir Miotello sobre Bakhtin e as perspectivas para as pesquisas na área da educação. **Textura**, Canoas-RS, v. 21, n. 46, p. 219-228, 2019.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BARROS, V. A.; SILVA, L. R. A pesquisa em História de Vida. In: I. B. Goulart (org.) **Psicologia Organizacional e do Trabalho**: teoria, pesquisa e temas correlatos. (pp. 134-158). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

BERTAUX, D. **Biography and society**. The life history approach in the social sciences. Beverly Hills: Sage publications, 1981.

CASSAB; L. A; RUSCHEINSKY, A. Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da História Oral. **Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Rio Grande, v.16, p. 7-24, 2004.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 2006.

CIPRIANI, R.; POZZI, E.; CORRADI, C. Histoires de vie familiale dans un contexte urbain. **Cahiers int sociol**.1983; v. 79, p. 253-62.

DRAGO, R. SANTOS, C. R. dos. História de vida na pesquisa com adultos com deficiência: algumas reflexões. **Educação: Teoria e Prática**. Rio Claro. v. 23, n.44. p. 81-94/ Set-Dez. 2013.

FERNANDES, M. E. História de vida: dos desafios de sua utilização. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. VII, n. 1, p. 15-31, jan.- jun. 2010.

GAULEJAC, V. de. **La société malade de la gestion: idéologie gestionnaire, pouvoir managérial e harcèlement social**. Paris: Seuil, 2005.

GIL, Antonio Carlos *et al*. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIOVANI, F. O diário reflexivo na formação inicial visto à luz da dialogia bakhtiniana. **Olhares: Revista do Departamento de Educação da Unifesp**, v. 1, n. 2, 432-451 p., 2013.

GLAT, R.; PLETSCHE, M. D. O método de história de vida em pesquisas sobre auto- percepção de pessoas com necessidades educacionais especiais. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 22, n. 34, p. 139-154, maio/ago. 2009, Santa Maria. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>. Acesso em: 05 set. 2018.

KRAMER, S.; JOBIM E SOUZA, S. (Orgs). **Histórias de Professores: leitura, escrita e pesquisa em educação**. São Paulo: Ática, 2008.

MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 2009.

SILVA, A. P. *et al*. "Conte-me sua história": reflexões sobre o método de História de Vida. **Revista do Centro Acadêmico de Psicologia da FAFICH/UFMG**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 25-35, 2007.

SPINDOLA, T. SANTOS, R. da S. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 119-126, 2003.

THOMSON, A. Reconstituo a memória. Questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Projeto História**. São Paulo, v.15, p. 51-84, 1997.

SOBRE O AUTOR

Michell Pedruzzi Mendes Araújo

Possui graduação em ciências biológicas pela Universidade Federal do Espírito Santo, graduação em pedagogia pelo Centro Universitário de Maringá, mestrado e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. Realizou estágio de pós-doutoramento em Ensino de Biologia (ProfBIO UFES/UFMG). É professor adjunto da Universidade Federal de Goiás. Realiza pesquisas na área da educação especial numa perspectiva inclusiva e acerca do ensino de ciências.